

As chances eram desfavoráveis.  
Mas minha irmã soube vencê-las.

# Andando de ônibus com Beth

POR RACHEL SIMON

**A** CORDE - chama Beth com insistência -, ou vamos perder o primeiro ônibus.

São 6 horas e minha irmã já está pronta, vestindo camiseta roxa e short verde-pistache. Desperto com dificuldade e visto minhas roupas de "escritora e professora em dia de folga": pulôver preto e *legging*.

Com apenas 11 meses de diferença de idade, Beth e eu estamos beirando os 40 anos. Ao contrário de mim, porém, minha irmã mais nova, baixinha e gordinha, tem um guarda-roupa de cores fortes e brilhantes, e consegue pular da cama antes do

amanhecer. Há ainda outra diferença: ela é portadora de uma deficiência mental. Por seis anos viveu sozinha em um apartamento, numa cidade de tamanho médio na Pensilvânia. Depois que perdeu o emprego numa lanchonete, dispõe de muito tempo livre. E, como recebe pensão do governo, tem dinheiro suficiente para viver.

Ela é também engenhosa, qualidade poucas vezes atribuída aos que se situam na visão periférica da sociedade. E ela anda de ônibus. Não para ir de um lugar a outro, mas para andar à maneira dela. Circulando pela

Alguns nomes foram trocados para proteger a privacidade.





cidade de manhã até a noite, faz amizade com motoristas e passageiros. Ela guarda aniversários, aniversários de casamento, onde as pessoas fazem compras e o que comem no café da manhã. E ajuda, orientando itinerários e carregando sacolas de supermercado. E as pessoas retribuem sua amizade.

Por conta própria, minha irmã descobriu uma comunidade itinerante. Agora também eu estou prestes a descobri-la. A convite de Beth, estou subindo a bordo de sua vida. Durante o ano seguinte, vou visitá-la regularmente e andar com ela de ônibus – convivendo com minha irmã pela primeira vez em nossa vida adulta.

**“Eu deixara minha irmã se tornar uma estranha”, diz Rachel. Hoje, não mais.**

Descemos rápido a rua principal e entramos em um McDonald's, onde Beth compra um café para viagem. Seguimos até a parada de ônibus coberta e, quando nosso ônibus chega, Claude, o motorista, escancara a porta como se estivesse nos recebendo em sua casa. Beth entra ruidosamente e lhe estende o café. Ele o apanha e põe algumas moedas na mão dela.

“É o nosso trato”, ele me revela.

Beth então rodopia em direção ao assento “dela” – o primeiro lugar no banco da frente, perto de Claude. Eu



me sento ao lado dela e, quando o ônibus parte, Beth me conta que Claude tem 42 anos e que está chegando o aniversário dele. Ele dá risada quando Beth diz a data certa. “Ela se lembra de tudo”, comenta Claude. E ri muito com minha irmã.

Durante o dia todo, enquanto andamos nos ônibus de Jacob, de Estelita e de Rodolpho, cada motorista cumprimenta Beth com carinho. Ela os lembra por onde ir, em trajetos que não faziam havia algum tempo; informa-os das mudanças de horários; ensina-lhes as canções mais tocadas nas rádios.

Quando era mais jovem, Beth teria desabado se as pessoas a olhassem de soslaio, o que freqüentemente ocorre. Agora ela não se aflige com tais situações. Parece sentir prazer em correr para todo lado em seu ritmo interior. Penso: *Esta é a minha irmã!* Ela é tão confiante e exuberante! Tão diferente de mim, que, envolvida no trabalho, tenho me isolado da vida.

ENQUANTO BETH passeava em seus ônibus, eu era rapidamente transportada em carros, trens e aviões. E estava indo a lugares importantes, pensava eu. Escrevia para um jornal de renome e havia publicado alguns livros. Dava cursos de redação e organizava eventos em uma livraria. Mas trabalhava sete dias por semana, do minuto que arrancava as cobertas, às 7 horas, até me desintegrar de volta debaixo delas, à 1 da madru-

gada. Tornei-me hiperocupada, hipercrítica, hiperventilada.

E, como minha vida era totalmente consumida pelo trabalho, perdi os amigos. Mas talvez a maior punição tenha sido no amor. Quando meu namorado de longa data, Sam, perdeu-me em casamento alguns anos antes, não consegui aceitar o compromisso. Assim, o relacionamento, com muita relutância e muitas lágrimas, terminou. Desde então, tenho trabalhado tanto que quase esqueci que estava só.

Ao visitar Beth, senti que comecei a quebrar um pouco o gelo em relação aos outros. Nunca poderia imaginar que minha irmã tivesse amigos motoristas de ônibus e nem que eles pudessem ser tão gentis. Foi aí que surgiram os problemas com os olhos de Beth – e um novo ciclo de lições para sua irmã mais velha.

**U**M OFTALMOLOGISTA ao telefone me informa o diagnóstico: ceratite intersticial. As córneas de Beth estavam arranhadas e sua visão, turva. “E existe mais um problema”, explica o médico. “Os cílios estão crescendo para dentro.” Ela precisa de cirurgia. “A decisão é dela, claro. Espero que você possa ajudar.” Embora Beth tenha me convidado a passear com ela em seus ônibus, não tenho idéia se me aceitou em seu coração. Ela é tão orgulhosa. Será que me deixaria ajudá-la?

Falo com Beth sobre o problema.





**“Beth adora crianças”,  
conta a irmã, Rachel. “E elas  
a aceitam como amiga.”**

Sem a cirurgia, explico, seus olhos podem piorar. Contrariada, ela concorda. Mas não vai ficar em casa enquanto os pontos fecham, avisa. Assim que passar o efeito da anestesia, quer voltar a passear de ônibus.

– Sabe o que eu queria? – digo de súbito. – Um livro chamado “Como ajudar qualquer um a qualquer hora”.

O que desejo é um guia para ser uma boa irmã, para acertar com Beth. O guia me diria como lidar com minha tendência a controlá-la em tudo, a guiar sua natureza independente. Em vez disso, eu lhe digo:

– Eu queria ter um livro que me ajudasse a encontrar um novo par de olhos para você.

– Isso seria legal – diz ela. – Será que você pode conseguir uns roxos?

“ESTOU COM MEDO”, confessa Beth no dia da operação. Estou surpresa e impressionada: ela está se abrindo comigo, algo que nunca fizera antes. Vai dar tudo certo, asseguro-lhe. Vou estar com você. E também Jacob, o motorista de ônibus amigo de Beth. Quando ele chega para nos levar ao hospital, ela parece tranqüilizada.

Na sala de espera do hospital, revisamos a papelada. Beth diz que está nervosa.

– Vou ficar com você – repito.

– Ei, você tem todo o seu séquito aqui – acrescenta Jacob, animado.





**Beth com o motorista e amigo Jacob, que diz: “O que quer que aconteça, ela vai superar.”**

Ela relaxa. Pede que eu a acompanhe até a sala onde lhe fazem perguntas médicas, verificam sua pressão e lhe entregam uma camisola de hospital. Quer saber se eu vou ficar a seu lado enquanto se despe. Ajudo-a a vestir a camisola e calçar os chinelos. Depois vamos até a unidade cirúrgica, onde Jacob nos aguarda junto à maca. “Sinto-me estranha nestas roupas”, diz Beth. “Não estou acostumada com esses sapatos esquisitos.”

Finalmente chega a hora de ela se deitar na maca. Com voz suave, digo-lhe:

- Você tem de se deitar para ser operada.

- Eu vou - diz, mas não se move.

- Tem de ser agora - insisto.

- Eu vou deitar - responde.

Subo na maca e me deito.

- Faça como eu.

Incentivada por Jacob e por mim, ela por fim se deita.

Surge uma enfermeira com a apavorante injeção.

- Beth - peço -, agora você precisa se virar.

- Não quero - teima ela.

Jacob e eu parecemos estar de acordo sem precisar falar. Juntos, vimos Beth de lado. Ela está dando risada agora, gostando da atenção. A enfermeira dá a injeção e viramos Beth de volta. E ela pára de resistir.

E não oferece resistência quando as enfermeiras a levam para a cirurgia. Tampouco quando me sento em



um banquinho junto dela na sala de espera. A anestesia começa a agir e acaricio o braço de minha irmã enquanto aguardamos.

Fito os olhos de Beth. Minha irmã está me olhando com uma confiança que raras vezes vi.

Jacob fica conosco até o anoitecer. Depois, leva-nos de volta ao apartamento de Beth, providencia o jantar e nos faz companhia enquanto Beth descansa. No dia seguinte, outro motorista de ônibus, Rodolpho, vem fazer uma visita. Depois mais um, Rick, chega com um milkshake de chocolate. E Betty, despachante, manda flores em nome dos motoristas. Por dois dias Beth faz o que o médico pediu: fica deitada, usa compressas de gelo e pomada nos olhos.

Então Jacob lhe faz um convite. Como eu preciso voltar para casa por algum tempo, Jacob e a mulher, Carol, ofereceram-se para cuidar de Beth até que seus olhos fiquem bons. Penso: *Assim é a vida de minha irmã.*

- Esses motoristas... - reflito com ela um dia - ...como foi que você descobriu num só lugar tantas pessoas boas e sensatas?

- Aconteceu - responde Beth. - Eu andava de ônibus e acho que eles simplesmente estavam ali.

Olho para ela, exuberante de vida. E me dou conta de que nada "acon-

tece simplesmente". Beth havia procurado amigos onde outros talvez não buscassem. Dedicou-se a identificar os motoristas decentes e bons, separando-os dos indiferentes ou hostis. Tampouco o convite de Beth para passear em seus ônibus "aconteceu simplesmente", percebo. É possível que Beth quisesse que eu conhecesse seus motoristas porque eu precisava deles também.

**Q**UASE NO fim de meus passeios de ônibus com Beth, comecei a desejar para mim uma vida diferente. Pouco depois, li-guei para Sam. Tivemos uma longa conversa, e eu não sentia mais medo. A partir daí começamos um relacionamento maravilhoso que, em maio de 2001, resultou em casamento. Quando contei a Beth que ia me casar, ela me mandou um cartão. Era uma colorida explosão de estrelas e pontos de exclamação:

*Querida Rachel,*

*Oi. Estou muito feliz por você!*

*Assinado: Beth Legal*

O cartão de letras roxas também estava assinado pelos motoristas de ônibus de Beth: Len, Jack, Melanie, Henry, Lisa, Jerry e Jacob. O homem que ajudara a cuidar de minha irmã escreveu: "Tenha muitas e prósperas aventuras. Com carinho, Jacob."

## BÚSSOLA FLEXÍVEL

Eu não entro em pânico quando me perco. Apenas mudo o lugar aonde quero ir.

RITA RUDNER, EUA